

# O edifício da Fonte Principal das Termas do Peso (Melgaço)

Antero Leite\*  
Susana Ferraz\*

## 1. O enquadramento histórico-cultural

### 1.1 Introdução

A antiga Quinta do Peso, Paderne, aparece referida na *Notícia Explicativa* da Carta 1-B (Monção) dos Serviços Geológicos de Portugal como possuindo duas ocorrências de águas minerais e termais, “distanciadas de 120m entre si, dispostas segundo uma direcção E-W: uma situa-se junto da confluência da Ribeira da Cidade e da Corga de Surribas e a outra, a oeste, perto da margem esquerda do Ribeiro de Peso. Estes ribeiros juntam-se e formam o ribeiro da Folia, pequeno afluente do Rio Minho”<sup>1</sup>. Ainda segundo a mesma *Notícia*, “há duas captações, cada uma delas inserida numa das zonas de ocorrência mencionadas, respectivamente a Nascente Principal, captada por galeria e a Nascente Nova, captada por um poço com cerca de 2m, que fornece o maior caudal embora pequeno (0,16 l/s)”<sup>2</sup>.

Ramalho Ortigão em *Banhos de Caldas e Águas Minerais* ao descrever as estâncias termais da Província do Minho referiu-se às Caldas de Monção mas não considerou as de Melgaço porque ainda não estavam em exploração<sup>3</sup>. O pedido de aproveitamento das águas do Peso para fins medicinais foi registado na Câmara de Melgaço em 14 de Agosto de 1884 por Félix Tomás de Barros Araújo, Bento Maria Barbosa, António Augusto de Sousa e Castro e Victorino Augusto dos Santos Lima. No requerimento aludiam a umas «águas alcalino gasosas» encontradas na corga ou regato público, no sítio denominado das Caldas, na freguesia do Prado. O terreno havia sido adquirido a António Júlio Esteves e sua mulher por António Augusto de Sousa e Castro conforme escritura lavrada a 8 de Junho de 1884, nas notas do tabelião Ferreira, da vila de Melgaço. Decorridos sete dias sobre o pedido de registo, em 21 de Agosto, foi renovado esse registo e requerido perante a mesma Câmara o registo de outra nascente de «águas alcalino-gasosas» que brotava no regato do Pezo, da freguesia de Paderne<sup>4</sup>. No ano seguinte, 1885, engarravam-se as águas numa barraca de madeira, que a história dirá construída para abrigo e comodidade dos aquistas”<sup>5</sup>.

A análise das águas, inicialmente feita pelo Dr. Carlos von Bonhorst e mais tarde (1909) pelo Prof. Lepierre revelou “característica hidrológica e especialização terapêutica” que as distinguem das águas de Mondariz, de Vidago e Pedras Salgadas ricas em bicarbonatos alcalinos. As de Melgaço possuíam carbonatos alcalino-terrosos pelo que seriam classificadas de bicarbonatadas cálcicas ou de bicarbonatadas mixtas. Eram especialmente indicadas para o tratamento da diabetes sacarina, embora um outro relatório (o de Mark Athias) considere que: “As águas do Peso, são, na verdade, excelentes agentes medicamentosos. Nenhuma conhecemos que exerçam em mais alto grau uma acção

---

\*A.C.E.R.-Associação Cultural e de Estudos Regionais, entidade parceira do Projecto Vale do Minho Digital, promovido pela Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho.

1 RIBEIRO, Maria Luísa e MOREIRA, Armando-*Notícia explicativa da Folha 1-B (Monção)*, Carta Geológica de Portugal, Ed. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa 1986, pp. 30.

2 Idem, ibidem, pp. 31.

3 *Banhos de Caldas e Águas Minerais* foi publicado em 1875.

4 in ‘Melgaço e as suas águas’, *Jornal de Melgaço*, n.º 1173, de 1 de Setembro de 1917 (Biblioteca Pública Municipal do Porto).

5 LOPES, Edmundo Correia-*Melgaço. Estância Termal*, Ed. Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, Porto, 1949, pp.51

nítidamente específica sobre o metabolismo hidrocarbonado e certas formas de hepatismo”<sup>6</sup>.

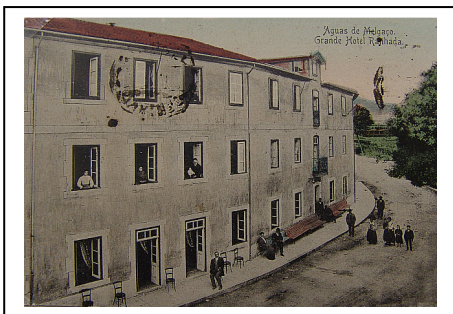
## 1.2 O Início conflituoso da exploração termal

Em 13 de Outubro de 1884, por escritura pública exarada nas notas do tabelião Ferreira, da vila de Melgaço, foi constituída uma sociedade para pesquisa e exploração das águas tendo como sócios Bento Maria Barbosa, Félix Tomás de Barros de Araújo, António Augusto de Sousa e Castro, Victorino Augusto dos Santos Lima, Abílio Augusto de Sousa, José Francisco de Almeida Fragoso, Aurélia Saavedra e Silva, dr. António Joaquim Durães, Manuel Bento da Rocha Júnior e dr. António Pereira de Sousa<sup>7</sup>.

Com a morte de António Augusto de Sousa e Castro, seu pai e herdeiro, António Cândido de Sousa e Castro Moraes Sarmento, proprietário do terreno das Caldas, requereu ao Ministério das Obras Públicas, patente de invenção, por espaço de quinze anos, da aplicação terapêutica das águas das freguesias de Prado e Paderne, concessão que obteve em Julho de 1889 <sup>8</sup>. Os outros sócios sentiram-se prejudicados e em 17 de Agosto de 1891 intentaram no Juízo de Melgaço uma acção de anulação do privilégio resolvida por uma transacção que transitou em julgado por sentença de Julho de 1893<sup>9</sup>.

Pouco tempo depois, em 1 de Maio de 1894, constituiu-se, por escritura pública lavrada no tabelião Silva, de Monção<sup>10</sup>, a *Empresa Santos, Sobral & C.<sup>a</sup>* com um “capital de 20 contos representado no Campo das Caldas. Os quinhões eram repartidos entre sete sócios”<sup>11</sup>. A esta empresa foi “transmitida a concessão legal pelo primitivo concessionário António Cândido de Sousa e Castro Moraes Sarmento”<sup>12</sup>.

Em 1895 já existia um hotel construído por António Guerreiro Ranhada, regressado do Brasil e que encontrou no Peso a cura para o mal do fígado que o debilitava<sup>13</sup>. A construção do hotel não foi fácil “porque a gente do lugar não queria admitir estranhos”<sup>14</sup>. O terreno, onde se situava uma pedreira<sup>15</sup>, foi-lhe vendido “caro, por 40\$00 reis. Os recursos de Guerreiro Ranhada parece que não eram grandes e consta que foi o industrial portuense José Bento Pereira que o auxiliou e animou na empresa. A lotação dos dois pavilhões construídos era, segundo Mons. Silvano, de 80 hóspedes”<sup>16</sup>. Havia ainda um Parque, desenhado pelo filho José Ranhada e onde se aplicou o granito retirado da pedreira<sup>17</sup>.



O Hotel Ranhada e o seu Salão de Jantar (Reproduções de postais antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho Melgaço).

<sup>6</sup> Idem, ibidem, pp.125.

<sup>7</sup> in 'Melgaço e as suas águas', Jornal de Melgaço, n.º 1173, de 1 de Setembro de 1917 (Biblioteca Pública Municipal do Porto)

<sup>8</sup> idem, ibidem,

<sup>9</sup> idem, ibidem,

<sup>10</sup> idem, ibidem,

<sup>11</sup> LOPES, *Ob. cit.* pp 65.

<sup>12</sup> in 'Melgaço e as suas águas', Jornal de Melgaço, n.º 1173, de 1 de Setembro de 1917 (Biblioteca Pública Municipal do Porto)

<sup>13</sup> O projecto inicial de António Ranhada era adquirir o Palácio da Brejoeira, mas a esposa não concordou (depoimento de sua neta D. Judite Ranhada)

<sup>14</sup> LOPES, *Ob. cit.* pp.66-67.

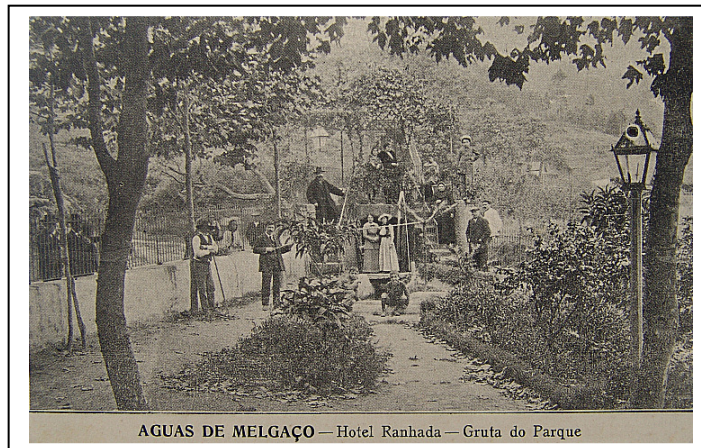
<sup>15</sup> Segundo depoimento D. Judite Ranhada

<sup>16</sup> LOPES, *Ob. cit.* pp.67-nota1.

<sup>17</sup> Segundo depoimento de D. Judite Ranhada

As águas do Peso começaram, então, a conhecer um período de grande procura e a proporcionar grande animação na localidade “quando a sociedade dos aquistas convivia com a sociedade distinta dos arredores. Foi uma prova dessa animação a festa que teve lugar no dia 26 de Julho de 1895 presidida pelo Visconde de Fragosela, festa oferecida pela colónia aquista do Peso às pessoas distintas dos «povos das cercanias» com Zé Pereira, jantar, foguetes, jogos, ornamentação, música...”<sup>18</sup>.

Ainda não eram os bailes dentro dos hotéis que animavam as tardes e noites do Peso. Os aquistas seguiam os conselhos de Ramalho Ortigão: “Não será dançando os lanceiros ao som de um piano ou da filarmónica da terra, no meio de tão mau ar, tão viciado e miasmático como o do teatro de S. Carlos em Lisboa ou do Baquet no Porto, que vós ajudareis a vossa cura e a vossa alegria. As festas que vos convêm são as festas ao ar livre, em pleno dia, sobre a relva, debaixo de árvores, à grande luz”<sup>19</sup>.



Reprodução de postal antigo da coleção do Sr. Óscar Marinho (Melgaço)

Entre 1897 e 1898 inscreveram-se nas Termas 731 aquistas. “Eram diabéticos, hepáticos, gastrálgicos, nefríticos, etc., de perto e de longe, não faltando também de Lisboa. Os provenientes da Galiza faziam o transbordo na estação de Guilharei para o comboio da linha de Orense e apeavam-se em Arbo, em frente do Peso. Atravessando o rio-o morgado de Reguengos pusera uma barca para passar de graça, evitando as disputas dos barqueiros portugueses e espanhóis-com mais meio quilómetro a pé, estavam na estância. O pior era esse meio quilómetro, a subir. Outros preferiam a diligência, que da estação do caminho de ferro de Valença os conduzia em 5 horas por 450 rs., ou em trens por 5\$000 rs. faziam o mesmo percurso em menos de uma hora ou hora e meia”<sup>20</sup>.

Em 3 de Junho de 1898, a concessão atribuída a Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> foi “ratificada por alvará do Ministério das Obras Públicas ficando a empresa investida na posse de todos os direitos de exploração vitalícia das nascentes”<sup>21</sup>

Um diploma, publicado no Diário do Governo de 24 de Setembro de 1898, havia fixado os preços dos serviços termais: “Por 1\$500 rs. o aquista tinha direito ao uso das águas na copa, a levar 330gs. para cada refeição ao preço de 20 rs., a duas consultas, uma no início e outra no final do tratamento para conhecer o regime a seguir, e uma análise de urinas. Fora disto, consulta no gabinete a 500 rs., e a 1\$000 rs. no hotel e análises a 1\$500 rs”<sup>22</sup>.

Estes preços contribuíram, de certo, para a cada vez maior afluência de aquistas justificando a construção em 1901 do *Novo Hotel Quinta do Peso*. Um dos seus primeiros hóspedes foi o conselheiro Manuel Francisco Vargas, ministro das Obras Públicas, que era acompanhado de sua esposa<sup>23</sup>.

O maior afluxo de pessoas às Termas do Peso e conseqüente maior consumo de água mineral obrigou a Empresa Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> a executar o projecto de pesquisa de novas

<sup>18</sup> Idem, ibidem, pp.71.

<sup>19</sup> ORTIGÃO, Ramalho-Banhos de Caldas e Águas Mineirais, Colares editora, pp. 25

<sup>20</sup> LOPES, *Ob. cit.*, pp. 71.

<sup>21</sup> in 'Melgaço e as suas águas', Jornal de Melgaço, n.º 1173, de 1 de Setembro de 1917 (Biblioteca Pública Municipal do Porto)

<sup>22</sup> LOPES, *Ob. cit.*, pp. 73

<sup>23</sup> VAZ, P.e Júlio-Mário. Ed. autor, 1996, pp. 214.

captações aprovado na reunião de 14 de Setembro de 1899. Surgiu então um conflito com a Viscondessa do Peso, proprietária dos terrenos adjacentes e onde a empresa pretendia efectuar os trabalhos de pesquisa. Havendo recusado a proposta de entrar como sócia da empresa resolveu então também efectuar uma exploração de nascente de água mineral que brotava no seu prédio rústico tendo requerido em 5 de Março de 1904 a respectiva licença. A empresa reclamou com o fundamento de serem “más as condições das águas de Melgaço; o caudal da nascente é pequeno, 1 litro por 24”,<sup>8</sup> e tem sofrido variações grandes, chegando quasi a desaparecer em consequência de trabalhos executados nas proximidades”<sup>24</sup>.

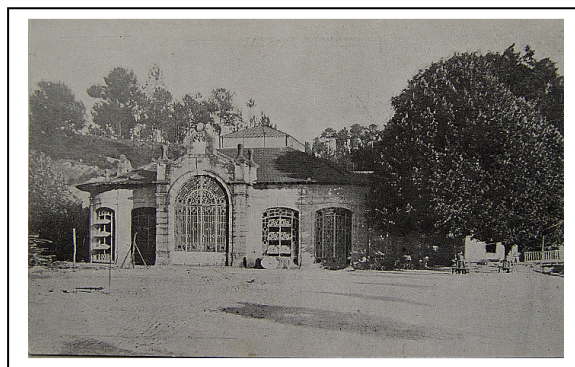
Pela Portaria de 11 de Novembro de 1904 entrega-se à Empresa Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> um “perímetro reservado de 15 hectares para a exploração das águas, só então tornando possível o início da sua expansão, com todos os investimentos a ela associados”<sup>25</sup>. Captações definitivas foram então efectuadas e concluídas em Agosto de 1906, com resultados que ultrapassaram as melhores expectativas -“o caudal disponível sofreu um enorme aumento, tendo passado de 2.482 litros/dia (verificados em 1904) par um débito de mais de 8.000 litros/dia (medições de 1907), mais do triplo!”<sup>26</sup>.



A 'buvette da Fonte principal' (reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho.

Foram realizadas outras análises químicas e bacteriológicas, efectuadas pelo Prof. Charles Lepierre e Dr. António Cruz Magalhães. “As águas repartiam-se por três nascentes muito próximas, mas de diferente composição. As duas, descobertas em época posterior à *Principal*, vieram, em gradual diminuição a extinguir-se. A *Principal*, a mais rica das bicarbonatadas cálcicas portuguesas”<sup>27</sup> revelava elevado teor em magnésio e ferro, sendo também “arsenical” e “litinada”<sup>28</sup>.

Com estes resultados das análises, a empresa decidiu realizar a construção de um pavilhão para a Nascente Principal substituindo a 'buvette' existente. As obras do novo edifício, concebido pelo Eng.<sup>o</sup> Couto dos Santos, iniciaram-se em 1909 tendo importado em 43 contos, o equivalente a cerca de 600.000 euros considerando a reavaliação decorrente da inflação<sup>29</sup>.



O Pavilhão da Fonte Principal (Reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho. Melgaço)

<sup>24</sup>Lopes, *Ob. cit.*, pp. 74-76

<sup>25</sup> In 'Memória Descritiva' do processo de pedido de classificação apresentado pelo C. M. de Melgaço ao IPPAR.

<sup>26</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>27</sup> Lopes, *Ob. cit.*, pp.77

<sup>28</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>29</sup> In 'Memória Descritiva' do processo de pedido de classificação apresentado pelo C. M. de Melgaço ao IPPAR.

A actividade termal passou a justificar investimentos como o de José Figueiroa Granja, de Vigo, que adquiriu em 19 de Fevereiro de 1912 a José Joaquim Esteves o *Novo Hotel da Quinta do Peso* e para a sua exploração constituiu-se a sociedade “Figueiroa & Ribas” na qual participava um outro galego Don Francisco Ribas<sup>30</sup>. Em Maio daquele ano, iniciou-se o transporte de passageiros entre Melgaço-Valença e vice versa por “auto-ómnibus”, de Cícero Cândido Solheiro, utilizando uma ‘Berliet’ de 22HP com lotação para 20 de passageiros e capacidade para 600 quilos de bagagens.<sup>31</sup> Em 23 de Agosto de 1913, é inaugurado no Peso o animatógrafo «Salão de Melgaço» também explorado por Cícero Cândido Solheiro. Cada entrada custava 50 centavos e dava direito ao transporte de ida e volta da Vila na carreira (a «Auto Melgaço») que aquele empreendedor havia inaugurado no ano anterior<sup>32</sup>.

O crescimento da actividade termal estava a causar alguns problemas por falta de um normativo regulador da prestação dos serviços aos aquistas. No ‘Jornal de Melgaço’ de 10 de Março de 1917, a empresa publica o “Regulamento do estabelecimento hidrológico das Águas Minerais de Melgaço”. Estipulava que o pessoal técnico ficaria subordinado a um Director Clínico e sera “composto de um médico legalmente habilitado para o exercício clínico em Portugal e do pessoal para fazer os engarrafamentos e fornecer junto às nascentes a água para bebida”<sup>33</sup>. Não era permitido ao aquista fazer uso das águas sem prévia consulta do director clínico. Exceptuavam-se desta disposição as pessoas que apresentassem prescrição escrita do seu médico assistente, a qual seria homologada pelo director clínico<sup>34</sup>. Também só era permitida a entrada no pavilhão da nascente mediante a apresentação do cartão de admissão. Aos doentes afectados de “doenças contagiosas” (na altura a sífilis e a tuberculose eram as principais) ou “asquerosas” (?) era imposta a “condição de isolamento em lugar apropriado devendo todos os seus objectos serem apartados e desinfectados tantas as vezes quantas forem necessárias”<sup>35</sup>.

Contudo, existiam carências nas Termas e na sua envolvente. No ‘Jornal de Melgaço’ de 21 de Julho de 1917, um artigo de Gregório Fernandes chamava a atenção para o estado da estrada de acesso à estância “empoeirada, sem arborização, na qual invoca um atalho íngreme, pedregoso, interrompido quase no final por uma tosca ponte de pinho que atravessa um riacho”. A seguir referia-se ao edifício da “buvette” como um “pesado pavilhão ainda por concluir” e afirmando que “à sua volta não se podia passar pois o espaço é acanhadíssimo e a higiene pouco recomendável”. Citava ainda a falta de um balneário “indispensável a completar o tratamento por ingestão e absolutamente reclamado e preconizado pela ciência”.

Como respondendo a este libelo acusatório, em Agosto de 1917, a gerência das Termas apresentou na Repartição de Minas um plano de melhoramentos. Da autoria do Eng. Couto dos Santos, o projecto incluía a ampliação do Hotel da Quinta do Peso passando a dispor de capacidade de alojamento até 350 hóspedes; a construção de um casino, um ginásio e um lago com função hidrostática servido de barracas de natação.

Paralelamente desencadeia-se, segundo o ‘Jornal de Melgaço’ de 8 de Setembro de 1917, uma “campanha de descrédito” pela falta de higiene na «buvette» com a entrada no Ministério do Interior de uma queixa da Delegação de Saúde de Viana do Castelo no qual se afirmava que “o engarrafamento das águas se fazia sem prévia esterilização das garrafas e que não era perfeita a lavagem”. Para o articulista, tais informações eram “inexactas”, pois não só as estufas estavam a funcionar à vista do público, como se empregavam os “melhores processos” sendo a água utilizada “potável e quimicamente puríssima”, conforme a análise n.º 897 do Laboratório de Análises do Posto Médico Central do Porto”.

---

<sup>30</sup> VAZ, Júlio –Mário, ed. do autor, 1996, 221

<sup>31</sup> Idem, ibidem. Segundo o Sr. Óscar Marinho, de Melgaço esta carreira de transporte de passageiros foi, mesmo, a primeira do País.

<sup>32</sup> VAZ, Ob.cit. pp.222.

<sup>33</sup> In ‘Regulamento do estabelecimento hidrológico das Águas Minerais de Melgaço’, publicado no ‘Jornal de Melgaço’, n.º 1150, de 10 de Março de 1917.

<sup>34</sup> Idem, idem

<sup>35</sup> Idem, idem

### 1.3 O período 1918-1934

Em 1918 reacendeu-se a disputa pela exploração das águas de Melgaço. Como concorrentes apareciam a Empresa Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> que havia adoptado, à revelia dos seus estatutos de 1894, a denominação de *Empresa das Águas »Minerais»* ou *«Minero-Medicinais de Melgaço* e a outra sociedade era a *Empresa das Águas Minerais de Melgaço* cujos sócios eram Luís Manuel Solheiro, Lício de Miranda Solheiro e Bento Fernandes Pinto.

O litígio andou pelos tribunais com recursos à Relação e ao Supremo Tribunal Administrativo. A Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> foi negado o registo da denominação que havia adoptado e à outra empresa decretou-se um embargo às obras de captação que vinha efectuando no campo da Viscondessa do Peso mas o Administrador do concelho recusou a fazê-lo cumprir. Esta recusa foi mantida pelo Governador Civil o que lhe custou a sua demissão pelo governo de Afonso Costa.

Finalmente em 1919, um parecer de uma comissão, nomeada por portaria governamental, concluía que “mesmo provada a independência das nascentes, elas nunca deviam ser concedidas a mais de uma empresa, sob pena de nunca os conflitos cessarem pelo que era proposto um acordo entre as partes”<sup>36</sup>. Este atingiu-se em 8 de Setembro daquele ano pela constituição da *Companhia das Águas de Melgaço* com o capital de 300 contos representativo do activo de 324 contos de Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> líquido de 24 contos devidos por essa firma ao Banco Popular Português. Os quinhões de Santos, Sobral & C.<sup>a</sup> tinham sido adquiridos entre doze sócios fundadores da Companhia das Águas e Melgaço, tocando a cada um 25 contos em acções: o Dr. Adolfo de Castro e Sola, director; o Prof. J. A. Ferreira da Silva; António Ferraz de Sequeira, director da filial do Banco de Portugal no Porto; o Dr. José de Oliveira Lima; e outros nomes conhecidos de capitalistas portuenses”<sup>37</sup>.

A nova empresa procurou então empreender um conjunto de “grandes iniciativas” como se referiu o Prof. Ferreira da Silva em entrevista concedida ao diário portuense ‘Debate’ e publicada entre 25 de Julho e 9 de Agosto de 1919. Propunha-se executar o plano de melhoramentos gizado em 1917: um hotel, um casino, parque e balneários<sup>38</sup>.

Em 1919, deu-se início à construção do balneário termal. Numa primeira fase, foi apenas construída uma das alas, por forma a dar-se imediatamente início à actividade, que se manteve quase até ao final da construção com 10 banheiras em ferro esmaltado e uma sala de duchas, tendo duas caldeiras de vapor para aquecer as águas dos banhos, conforme relatório da visita efectuada em 1923 pela Inspecção das Águas Minerais à estância. Neste ano, funcionava “apenas metade do edifício, com 10 banheiras de ferro esmaltado e sala de duchas”<sup>39</sup>.

Em 1924 ficaram concluídas as obras do balneário. “A sua inicial estruturação interna, que segundo os padrões da época configurava a divisão por sexos, apresentava duas alas, espelhos quase perfeitos uma da outra. Tudo era duplicado: os balneários, as salas de duche e mesmo o número de banheiras”<sup>40</sup>.



Reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho (Melgaço)

<sup>36</sup> LOPES, *Ob. cit.* pp. 103.

<sup>37</sup> *Idem*, *ibidem*. pp. 104.

<sup>38</sup> *Idem*, *ibidem*. pp. 105.

<sup>39</sup> *Idem*, *ibidem*. pp. 111.

<sup>40</sup> In ‘Memória Descritiva’ do processo de pedido de classificação apresentado pelo C. M. de Melgaço ao IPPAR.

O aumento da frequência das termas pelos aquistas justificou um “pedido de licença para exploração de uma segunda Nascente, a do Prado. O aproveitamento desta emergência foi planeado em Outubro de 1920, sendo o projecto apresentado em Dezembro, por forma a vincar indelevelmente a entrada da nova Administração. Mas nem tudo correu bem na captação deste novo manancial: não foi escolhido um ponto de emergência adequado e as águas brotavam através das camadas argilosas e ferruginosas mais altas, provocando a libertação de gás e a perda de água. Assim os trabalhos tiveram que se prolongar até 1921, tendo sido feita a adução da nova água ao Pavilhão da Fonte Principal, via uma tubagem de grés implantada numa galeria, preparada para visitas técnicas, o que era um avanço relativamente à época”<sup>41</sup>.

A publicidade à água de Melgaço descrevem-na como sendo:

“Hypothermal-Hypomineralizada-Gazocarbónica-Bicarbonatada-Mixta-Cálcica-Sódica-Magnésica-Ferrea-Lithínica-Manganésica. Utilíssima nas doenças gerais (diabetes, arthritismo, etc.), doenças do aparelho digestivo (dispepsias, úlceras de estômago cicatrizadas, enterites, etc.) e do sistema nervoso (neurastenia, histeria, etc)”<sup>42</sup>.

Os aquistas aumentaram no Peso. Em 10 de Julho de 1922, o jornal ‘Notícias de Melgaço’ justificava a cada vez maior afluência pelos preços praticados nos hotéis da estância e recomendava que os hoteleiros os mantivessem mais baixos comparativamente aos de outras termas, “pois desta forma muito concorrerão para o desenvolvimento desta localidade”<sup>43</sup>.



O Novo Hotel-Quinta do Prado (reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho .Melgaço)

Em 1924 deu-se também início ao Parque das Termas, traçado por Jacinto de Matos, frondoso espaço com árvores de grande porte (plátanos, faias, cedros, fílias, etc).



O Parque das Termas do Prado (reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho. Melgaço)

<sup>41</sup> Idem, ibidem..

<sup>42</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 17, de 10 de Julho de 1921

<sup>43</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 48, de 10 de Julho de 1922

Os anos do primeiro quartel do séc. XX corresponderam a um período de relativa estabilidade na frequência de aquisições nas Termas do Peso. Uma carta de um leitor enviada ao jornal “Melgacence” referia que “não há exemplo, desde que frequento esta estância, de maior movimento, como agora. Os hotéis estão à cunha. Os hoteleiros não têm mãos a medir. O Figueiroa, já se considera rei destes sítios com ou sem óculos. Pelo trespassar do seu estabelecimento pediu nada mais nada menos que 500 contos, se é verdade o que me disseram. As águas mal chegam para os que a bebem à bica, pelo que a Empresa leva mais 10, além dos 45 da inscrição, para os que dela precisam para tomar em casa”<sup>44</sup>.

Esta favorável situação económica contribuiu para uma reanimação do Peso reflectida no comércio e restauração. Diversificou-se o padrão de consumo até aí muito centrado nos bens de primeira necessidade. Desde 24 de Maio de 1915 que existia na localidade um “estabelecimento de fazendas «High life», filial da «Republicana» de Francisco de Sousa Cardoso, da Vila”<sup>45</sup>. Em 8 de Agosto de 1926, o ‘Jornal de Melgaço’ noticiava a abertura, na localidade, de um estabelecimento de rendas, “de variados desenhos e finos gostos confeccionados em linha e seda” provenientes de oficinas de Vairão (Vila do Conde) “dirigidas por distintas senhoras da melhor sociedade vilacondense”.

Nos hotéis, os aquisições divertiam-se com festas e bailes: “Os hóspedes mais entusiasmados são os da Quinta do Peso e Ranhada. Os do Rocha são mais socegados, mais maduros, a cuja cura de repouso se entregam sob o mais rigoroso preceito, tendo apenas por distração algum canto, música e o indispensável quino”<sup>46</sup>. No dia 1 de Setembro de 1926 realizou-se no ‘Hotel Ranhada’ uma “festa elegante. Música no parque, danças populares, jogos de rapazes e à noite no Salão de baile, dança, música, canto e versos recitados a primor”<sup>47</sup>.

As ligações com o exterior passaram a ser alvo de atenção por parte das autoridades locais. A estrada entre Monção e Melgaço, onde os passageiros dos automóveis sofriam “torturas” pois iam aos “solavancos, em bolandas”, foi, em 21 de Janeiro de 1927, objecto de uma “arrematação por empreitada, dos concertos entre o quilómetro 12 a 23”<sup>48</sup>. Advogava-se ainda o prolongamento do caminho de ferro entre Monção e Melgaço na extensão aproximada de 22 quilómetros, como complemento da Linha do Minho e em via larga<sup>49</sup>.

Porém, em 1927, a época termal estava muito comprometida a atender ao que o jornal ‘Melgacence’ dizia: “Contrista ver o estado em que estão as nossas preciosas águas. As primitivas nascentes do grande pavilhão envidraçado feito quando era seu director o inesquecível médico Dr. António Pereira de Sousa, estão cobertas de areia, lodo e água”<sup>50</sup>.

A situação originou uma petição dirigida à Câmara Municipal e Governo Central na qual se afirmava: “As águas medicinais do lugar do Pezo, deste concelho, únicas no País, estão em claro, evidente e indiscutível decadência. Sem reclame, sem comodidades, sem meios de transporte, sem pavilhões, sem protecção às nascentes, a sua condenação é certa e cremos bem o seu fim está próximo. Sem instalações apropriadas, sem utensílios competentes e necessário, arrolhamento de garrafas pouco limpas fora de todos os preceitos essenciais do cuidado e da higiene, conduzindo impurezas. São durante meses e meses um charco de todo imundo. As águas das chuvas e dos regatos inunda os pavilhões, atinge metros de altura! A estância das águas envergonha-nos: esboços de avenidas mal principiadas, onde há muito paralisaram as obras; pontes de madeira, anos e anos à intempérie, apodrecendo, pavilhões de vidros quebrados, de ferros enferrujados, de pedras a enegrecer à minguia de cuidado; balneário a desconjuntar-se, interiormente a arruinar-se, ao abandono; barracões de madeira desfiando; regos primitivos, charcos, lamas; plantas e arbustos irrompendo de toda a parte a dar-lhe um aspecto de montado; e lixo e imundície e desleixo, sempre e sempre miséria! Aparência de bairro pobre a desmoralizar-se afugentando os frequentadores e entristecendo os habitantes desta região”<sup>51</sup>.

Verifica-se então a mudança na direcção clínica. Em 1929 o Dr. Silvério Gomes da Costa substituiu o Dr. António José Duro. Foi nomeada uma Comissão de Iniciativa para introduzir

<sup>44</sup> In jornal *Melgacence*, n.º 28, de 5 de Setembro de 1926 (BPMP)

<sup>45</sup> VAZ, Júlio-Mário, ed. do autor, 1996, pp.224.

<sup>46</sup> In jornal *Melgacence*, n.º 28 de 5 de Setembro de 1926 (BPMP)

<sup>47</sup> Idem, ibidem.

<sup>48</sup> In *Melgacence*, n.º 48, de 31 de Janeiro de 1927 (BPMP).

<sup>49</sup> Idem, ibidem.

<sup>50</sup> In *Melgacence*, n.º 60, de 8 de Maio de 1927 (BPMP).

<sup>51</sup> In *Melgacence*, n.º 87, de 13 de Novembro de 1927 (BPMP).



melhoramentos na estância: “Remodelou-se a secção das senhoras no Balneário, instalou-se um laboratório de análises ampliado com uma farmácia sob a direcção do Dr. Eduardo Costa, ainda aluno do curso de medicina”<sup>52</sup>. Uma outra melhoria foi a da iluminação do Peso que passou a dispor de seis candeeiros *Petromax* de 500 velas cada um, desde 1 de Julho a 31 de Outubro<sup>53</sup>.

Como a expansão das termas necessitaria de terreno, o Conselho de Administração deliberou requerer a expropriação de parte dos terrenos pertencentes à Viscondessa do Peso sem os quais ficariam comprometidos os melhoramentos que a Companhia pretendia fazer<sup>54</sup>.

Os esforços para a afirmação das águas de Melgaço foram coroados pela atribuição da medalha de ouro da Exposição de Sevilha, distinção que o *Notícias* de 23 de Março de 1930 relata como tendo sido recebida “com a maior satisfação das pessoas que conhecem estas milagrosas águas que tantas vidas têm salvo e em sinal de regozijo foram imediatamente embandeirados o pavilhão e oficinas por ordem do Sr. António Joaquim Gomes, fiscal do estabelecimento, fazendo feriado o dia para o pessoal que trabalha no estabelecimento”<sup>55</sup>.

Continuou-se com a arborização do Parque com a “plantação de algumas centenas de árvores nem só de sombra, mas também de fructa e flores, o que muito agrada aos hóspedes que anualmente nos visitam”, na opinião do correspondente no Peso do ‘*Notícias de Melgaço*’ de 4 de Maio de 1930<sup>56</sup>.

O mesmo jornal, em 8 de Junho, daquele ano, noticiava a abertura do Balneário, sob a direcção do Dr. Athias Ark e informava serem os preços praticados por aquele estabelecimento os seguintes: Inscrição médica 50\$00, idem uso das águas 50\$00, duches seclalisos 5\$00, banho de imersão água mineral 6\$00, irrigações raginais no banho 7\$00, banho bolha de ar em água comum 7\$00, massagem geral 20\$00, idem parcial 15\$00, banho de imersão em água comum 4\$50, idem bolha de ar em água mineral 8\$50, banho gaso-carbónico 12\$00, actinoterapia 15\$00, duche ar quente 10\$00, lençol e toalha 2\$00, balança \$50.

Os novos preços permitiram obter, durante o mês de Junho do mesmo ano, um rendimento do Balneário de 10:991\$60 e proveniente, principalmente, de 72 inscrições médicas; 76 inscrições de água no hotel; 76 inscrições de águas; 23 banhos de imersão em água comum; 48 banhos em água mineral; 48 banhos gaso-carbónico e 57 duches<sup>57</sup>.

Uma visita às Termas do correspondente no Peso do mesmo jornal descrevia assim as impressões: “Ficamos maravilhados com a limpeza e o aceio que notamos logo à primeira vista, a dentro e fora do rico pavilhão que cobre a primitiva nascente”. Referindo-se às avenidas do interior do Parque destaca “a que corre na direcção de nascente para poente dirigindo-se a um simples pavilhão de madeira, que cobre uma outra nascente de águas minerais, que foi descoberta recentemente, e aonde se encontram duas raparigas muito frescas e aciadas cujas amabilidades atraem ali os hóspedes que frequentam as águas...”<sup>58</sup>

O Hotel da Quinta do Peso foi sujeito a obras de ampliação. O respectivo pedido de licença, dirigido em 3 de Junho de 1931 pelo seu proprietário José Figueiroa Granja ao Administrador da Câmara Municipal, pretendia aumentar o corpo já existente acrescentando-o para o poente conforme planta que se anexava ao requerimento. Destinava-se o aumento a cozinha e outras dependências, sendo a construção em pedra ‘tendo as janelas e portas as dimensões determinadas na mesma planta’<sup>59</sup>.

---

<sup>52</sup> Lopes, Ob. cit. pp.119.

<sup>53</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 17 de 16 de Junho de 1929 (BPMP)

<sup>54</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 9, de 21 de Abril de 1929 (BPMP).

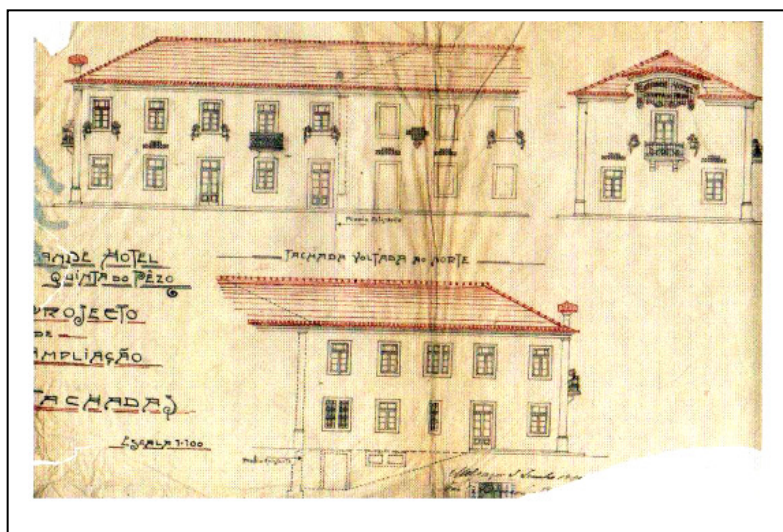
<sup>55</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 54, de 23 de Março de 1930 (BPMP).

<sup>56</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 59, de 4 de Maio de 1930

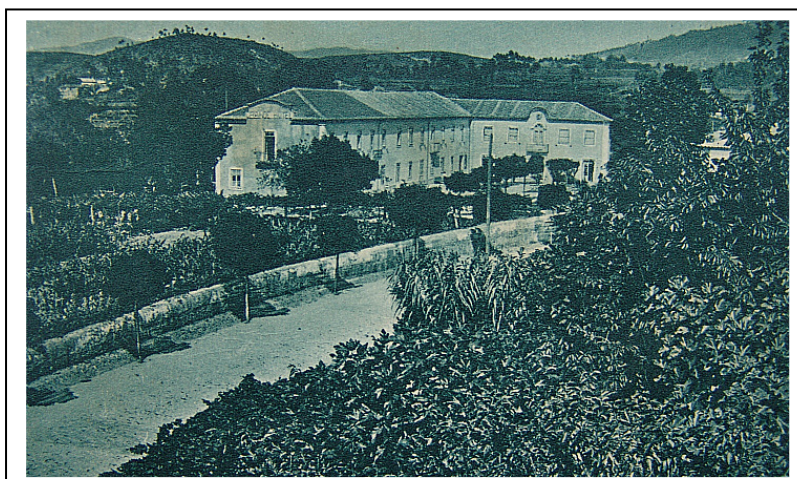
<sup>57</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 68, de 13 de Julho de 1930.

<sup>58</sup> Idem, n.º 72, de 10 de Agosto de 1930.

<sup>59</sup> Processo existente no Arquivo da Câmara Municipal de Melgaço, 1931



Planta que acompanhava o requerimento dirigido em 3 de Junho de 1931 à Câmara Municipal de Melgaço pelo proprietário do Hotel Quinta da Peso, José Figueira Granja



O Hotel da Quinta do Peso já ampliado (reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho (Melgaço))

Em 1931 é inaugurada a luz eléctrica no Peso. O "Notícias" de Melgaço de 17 de Maio daquele ano relata a instalação da electricidade em vários prédios desta estância: 500 lâmpadas no Hotéis Rocha, Quinta do Peso e filiais, no Parque e avenidas da empresa das Águas. Anunciava a inauguração para os primeiros dias de Junho sendo a energia fornecida pela Companhia do Tambre com sede na vila de Naia, província da Corunha, Espanha<sup>60</sup>. Amiudadas vezes faltava a luz, como refere o correspondente no Peso daquele jornal: "É raríssima a noite em que nesta localidade se conserve a luz eléctrica toda a noite sem por vezes se apagar, o que causa grandes prejuízos não só à casas particulares, como aos hotéis, casas de pensão e casas comerciais... Assim é que os hoteleiros e casas de pensão são obrigados a ter em depósito em sua casa de caixas de velas"<sup>61</sup>.

<sup>60</sup> In *Notícias de Melgaço*, n.º 109, de 17 de Maio de 1931.

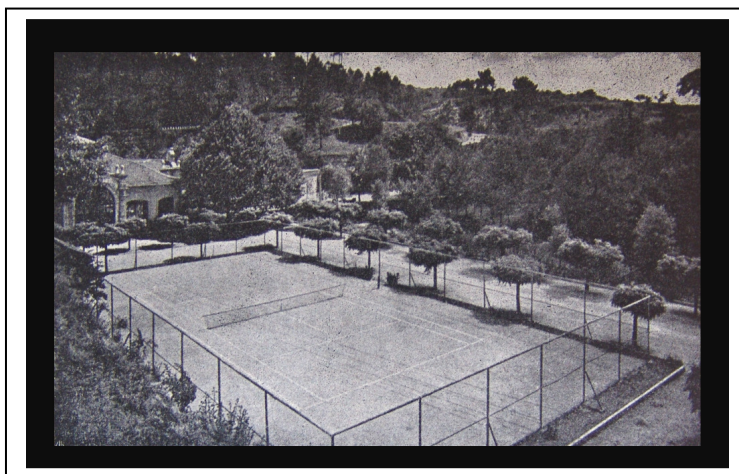
<sup>61</sup> Idem, *ibidem*, n.º 165, de 18 de Setembro de 1932.



O Peso (reprodução de postal antigo da coleção do Sr. Óscar Marinho (Melgaço))

O emprego da electricidade possibilitou a que se fizessem no balneário aplicações de diatermia, para o que foi adquirido um aparelho; ampliou-se também a secção de banhos carbo-gasosos. O balneário ficou provido de um serviço completo de banhos de imersão, carbo-gasosos, duchas escocesas e sub-aquáticas. Em 1935 começou a direcção clínica “a empregar sistematicamente as curvas glicémicas como meio de investigação dos efeitos das águas na diabetes”<sup>62</sup>.

Foram também anos em que se procurou dotar os aquistas de meios de diversão tendo-se inaugurado em 1931 o campo de ténis.



O court de ténis (reprodução de fotografia inserida no livro *A Estância Hidro-Mineral de Melgaço*, Ed. Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas, Porto

“Com maior frequência o Parque, o Pavilhão das Águas, os salões dos hotéis se animaram com as galas de iluminações nocturnas, as harmonias de bandas de música e orquestras, a elegância dos bailes e a alegria das quermesses. Era a beneficência, o melhor incentivo das festas, segundo as boas tradições das estâncias portuguesas. Contribuir para a filial que a Associação Protectora dos Diabéticos Pobres, em 1931, instalou no Peso, contribuir para o hospital da Misericórdia de Melgaço, contribuir para os pobres, tornou-se pretexto para amiudadas festas”<sup>63</sup>.

Em 28 de Agosto de 1932 o *Notícias de Melgaço* descrevia assim a animação na estância: “As 9 horas da manhã deu entrada no Peso a afamada Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, com um primoroso passo dóbli e depois de executar várias peças do seu vasto reportório no Parque do Grande Hotel Ranhada, dirigiu-se para o parque das Águas, e aí permaneceu até à noute, tendo início dentro do Pavilhão das Águas e fora, um concorridíssimo baile que se prolongou até às três horas do dia 29. Durante a tarde houve jogos variadíssimos e diferentes divertimentos. A ordem era mantida por uma patrulha de marinheiros fardados e devidamente armados, comandada pelo Sr. E.P. de Mendonça, que devido à boa educação de todo o povo que foi assistir a estes festejos, não foi alterada a ordem da força acima referida”<sup>64</sup>.

<sup>62</sup> LOPES, ob. cit.pp. 120

<sup>63</sup> Idem, ibidem, pp.119

<sup>64</sup> in *Notícias de Melgaço*, n.º 163, de 4 de Setembro de 1932.

Três dias depois houve, no Peso, um outro baile, “por iniciativa de alguns hóspedes no Grande Hotel Ranhada e realizou-se a convite, visto encontrarem-se ali as damas mais distintas não só da vila de Melgaço como também desta localidade. O baile correu animadíssimo até às 2 horas da madrugada; foi oferecido às damas à meia noite um esplêndido chá. A música constava de um quarteto composto de uma concertina, violão, flauta e violino, dirigido pelo Sr. Dinis de Brito, que fez executar com a inteligência e exactidão inumeráveis peças do seu grande repertório”<sup>65</sup>.



Os aqistas do Grande Hotel de Peso (Reprodução de postal antigo da colecção do Sr. Óscar Marinho Melgaço)

O Parque do Grande Hotel do Peso conheceu também noites animadas como a da ‘Festa da Caridade’ realizada em 17 de Setembro de 1932, “por iniciativa das Ex.mas Sras. D. Judit Alheas, D. Maria José Nascimento e D. Sara Brou da Rocha Brito que foi abrilhantada com iluminação, Bailes, Quermesses, Barracas de chá e petiscos nacionais servido por gentis senhoras com trajes a carácter. As Barracas muito originais e de um fino gosto artístico foram obra do Ex.mo Sr. Lino do Nascimento tendo como auxiliar o incansável Ex.mo Sr. Rocha Brito. Às vinte e duas horas, entrou com um primoroso passo doble a banda de Valadares que depois de dar entrada no seu respectivo coreto, ali se conservou executando inúmeras peças do seu vasto repertório até às três da madrugada”<sup>66</sup>.

Contudo, os bailes não compensavam grande parte dos aqistas que se sentiam prejudicados com os aumentos de preços verificados nos serviços das Termas. O ‘Notícias de Melgaço’ refere-se aos “protestos dos hóspedes que juram não voltar cá mais devido ao elevadíssimo preço porque lhe fazem pagar a inscrição de banho”<sup>67</sup>. O correspondente daquele jornal no Peso afirmava: “Não há razão alguma de uma inscrição custar 110\$00 quando em outras termas, em que nada falta ao hóspede, custa menos de metade desta importância. Não há razão alguma de um enchimento custar um escudo quando é certo que a maior parte da água mineral corre para o regato”<sup>68</sup> E concluía: “Temos ouvido dizer a vários hóspedes que o que vale ter vindo aqui deve-se à água ter feito milagres e aos distintíssimos directores clínicos”<sup>69</sup>.

A fama dos bons serviços termais espalhou-se por todo o País e interessou a comunidade científica. O complexo do Peso passou a ser visitado por médicos, como os “diplomados pelo Instituto de Climatologia e Hidrologia, de Lisboa, em excursão dirigida pelo Prof. Armando Narciso. Nos dias 29 e 30 de Julho de 1939, realizou-se também no Peso um Congresso de Medicina e Desportos Higiénicos limitados aos diplomados da Escola de Medicina do Porto, do curso de 1931-32”<sup>70</sup>.

Em 1932, o prof. Ch. Lepierre repetiu a análise das águas, pela primeira vez extensiva à Nascente Nova, e, com a colaboração do Prof. Herculano de Carvalho, à pesquisa da

<sup>65</sup> Idem, ibidem.

<sup>66</sup> in *Notícias de Melgaço*, n.º 163, de 4 de Setembro de 1932.

<sup>67</sup> Idem, ibidem.

<sup>68</sup> Idem, ibidem.

<sup>69</sup> Idem, ibidem

<sup>70</sup> LOPES, ob. cit. pp.119-nota 2.

radioactividade. Apresentava-se a Nascente Nova mais alcalina e mineralizada que na análise de vinte e cinco anos atrás. Edmundo Correia Lopes, interpretou os resultados da análise do seguinte modo: “ a diferença entre as duas nascentes não é de molde a criar-lhes especializações distintas, antes o aproveitamento conjugado de ambas constitui em muitos casos, ampliação valiosa dos meios terapêuticos. As águas são não só radioactivas, pelo radon, mas possuem sais radíferos de duração a bem dizer perene e por isso de efeitos permanentes. São bacteriologicamente puríssimas”<sup>71</sup>.

#### 1.4 O período 1934-1953

Entretanto, em 1934, é criada a empresa *Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas* que absorveu a totalidade do capital da Companhia Portuguesa das Águas Salus. Depois de um período de diminuição da frequência de aquisições nos quatro anos iniciais da década de 40 assistiu-se, na metade seguinte, a uma lenta recuperação e por uma estatística então elaborada estimou-se em 3,13 e 1,73 temporadas as médias de permanência dos aquisições diabéticos e dos não diabéticos, respectivamente<sup>72</sup>.

As águas foram novamente analisadas, desta vez, pelo Prof. Herculano de Carvalho e do seu relatório constata-se a existência de “variações da alcalinidade respeitantes a ambas as nascentes para menos, em relação a 1933, embora em magnésia, sílica e anidrido carbónico se verifique enriquecimento. O facto encontrará explicação bastante, segundo o relatório «nas variações periódicas a que estão sujeitas as nossas águas bicarbonatadas gaso-carbónicas”<sup>73</sup>.



O edifício da Fonte Principal num rótulo de garrafa das águas de Melgaço

No início da década de 50, sentia-se a “necessidade de erigir um edifício específico para albergar a água que brotava da nascente do Prado, substituindo a construção em madeira. Em 1953 é inaugurada a Fonte Nova e com ela abriu-se um novo ciclo na vida das Termas do Peso.



O panorama do Parque e Balneário (reprodução de gravura inserida no livro *Melgaço Estância Termal*, de Edmundo Correia Lopes, Ed. Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, Porto, 1949.

<sup>71</sup> Idem, pp.122.

<sup>72</sup> Idem, pp.123.

<sup>73</sup> Idem, pp.123.

## 2. O Pavilhão da Fonte Principal – valor patrimonial e análise arquitectónica

### 2.1. Valor patrimonial e enquadramento paisagístico

Descendo a íngreme rampa de acesso, deparamo-nos com um parque arborizado e com o ribeiro que corre de sul para norte e se constitui como barreira física vencida por passadiço alinhado com a entrada do Pavilhão da Fonte Principal.

Das várias edificações que integram as Termas de Melgaço, o Pavilhão da Fonte Principal é aquela cuja importância e valor se demarcam quer ao nível do conjunto das edificações, dos percursos internos ou da envolvente paisagística, quer autonomamente. Construída em torno da primitiva 'Buvette' termal, até então abrigada por um pequeno coberto, o Pavilhão da Fonte Principal é, ao mesmo tempo, uma construção nuclear, centralizadora e com excelente capacidade de dinamização do conjunto e uma construção com acentuado carácter representativo e simbólico do complexo termal, das suas águas e da sociedade que a frequentou. Inequivocamente, a sua magnífica arquitectura traduz, na mesma medida, o esplendor da sociedade e da vida social a que serviu de palco.



Além disso, o Pavilhão da Fonte Principal é, por si só, um bom exemplar de uma arquitectura que soube harmonizar os requisitos construtivos da 'arquitectura do ferro' corrente e a linguagem da 'Arte Nova portuguesa' então emergente.

Por todas estas razões, o Pavilhão da Fonte Principal retém grande valor patrimonial, é um testemunho físico igualmente presente na memória colectiva.

### 2.2. Aspectos estilísticos e construtivos

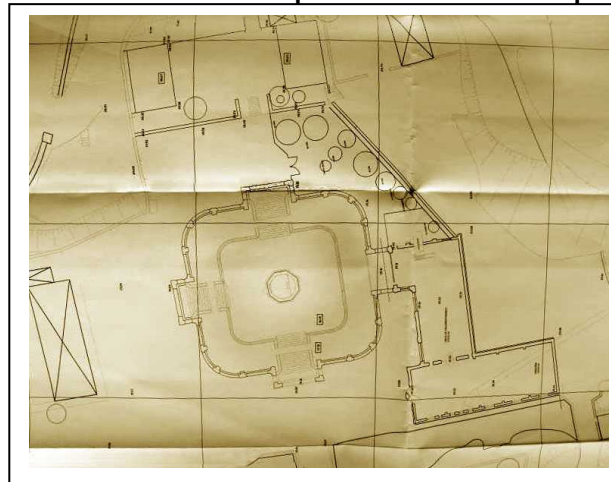
De um certo modo, em Portugal, a arquitectura do ferro, implementada na última década de oitocentos, era sobretudo uma obra de engenharia de cariz marcadamente estrutural. Esta arquitectura explorava as potencialidades do sistema construtivo para o vencimento de grandes vãos e a capacidade de modelação do material, numa perspectiva simultaneamente estrutural e estética que tirava partido também da permitida permeabilidade luminosa. Enquanto isso, a Arte Nova afirmou-se com um carácter mais plástico e decorativo, aplicado nas morfologias e no tratamento das superfícies, com especial incidência nos alçados. Explorou também a luz através da combinação de panos opacos e transparentes ou translúcidos e afirmou a sua originalidade na azulejaria. De um certo modo, a ruptura que a Arte Nova pretendia fazer com o passado acabou por resultar, na opinião geral, em mais um estilo eclético, sendo o seu pleno desenvolvimento travado pela condição 'decorativista' que assumiu e pela resistência da cultura académica tradicional face aos novos matérias e técnicas construtivas.

Assim se percebe que o Pavilhão da Fonte Principal seja, do ponto de vista estrutural, construído em ferro e cantaria granito em detrimento do betão, entretanto introduzido em Portugal desde o fim do século XIX, embora de modo muito incipiente e do domínio de escassos técnicos e empresas. Todavia o betão foi, por exemplo, aplicado nas Termas da Cúria. A este novo material reconhecia-se a capacidade de modelação, portanto, óptima para a ornamentação e a de simulação de materiais nobres como a pedra, etc. O vidro, 'fabricado em lâminas de corte industrial', era também um material cujas propriedades de generosa iluminação e decorativa se explorava. Acabou por ter um papel determinante no tratamento das superfícies não estruturais: como material transparente; como material translúcido, cuja iluminação era suavizada pelo seu martelado; como fragmento, incorporando áreas de cor com talhe geométrico ou figurativo; e, como vitral.

Assim, permitindo o vencimento do vão de 24 metros sem o recurso a estruturas intermédias invasoras e perturbadoras da espacialidade do edifício, o ferro e o inerente sistema construtivo foi eleito para a concepção estrutural, de linguagem estilística muito subtil. Esta, caracteriza sobretudo o interior com os seus pórticos e 'asnas', vigas, e tirantes da cobertura, que sustentam, desenham e enquadram uma clarabóia rectangular central elevada acima da cumeeira. A cobertura, escalonada e de várias águas, reveste-se de telha.

### 2.3. Características morfológicas

É um edifício particularmente feliz quanto aos aspectos estilísticos, construtivos e, não menos, relativamente aos aspectos morfológicos. Inicialmente isolado foi-lhe posteriormente anexado, a sul, o edifício da 'oficina' de engarrafamento e armazenamento das águas. Para se estabelecer a ligação entre os dois edifícios recorreu-se à repetição, na oficina, do acesso projectado para o exterior, característico do Pavilhão da Fonte Principal. Assim, criou-se um afastamento entre os edifícios que proporcionou uma integração volumétrica mais harmoniosa. Mas, esta anexação introduziu uma alteração à, até então, simetria existente nos e entre os dois eixos ortogonais do edifício, tendo sido suprimida a escadaria sul entretanto substituída por um balcão sobre pequeno arrumo encerrado.

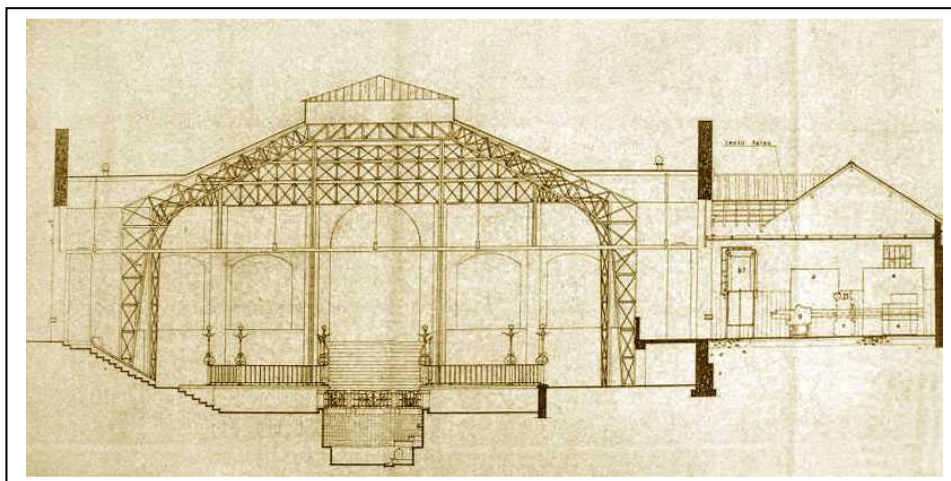


Reprodução de 'Planta do Edifício da Fonte Principal' (V.M.P.S., 2002)-  
Arquivo da Câmara Municipal de Melgaço

O Pavilhão da Fonte Principal apresenta forma quadrangular em cujos cantos arredondados se revêem os formalismos da corrente estilística da época também presente, por exemplo, no trabalho de ferro das janelas, guardas e colunas dos candeeiros.

A referida ortogonalidade da construção é assinalada pela axialidade dos acessos projectados para o exterior, presentes em todos os lados, igualmente evidente nos alçados através da elevação dos corpos das entradas, que se reconhecem como pórticos. Os alçados articulam paramentos

opacos em cantaria de granito rebocada e pintada com expressivos e generosos panos envidraçados, janelões e portas, caracterizados por uma composição geométrica de elementos lineares rectos e curvilíneos em ferro e círculos coloridos translúcidos. Estes vãos envidraçados, nalguns casos protegidos por gradeamento de ferro, caracterizam fortemente o edifício, tanto pelo exterior como no interior. A composição volumétrica, melhor perceptível pelo exterior, é igualmente assinalada pela singela e rica ornamentação das superfícies opacas.



Reprodução de 'Corte Norte Sul do Edifício da Fonte Principal' (V.M.P.S.,2002)- Arquivo da Câmara Municipal de Melgaço

Nas entradas nascente, norte e poente (o acesso principal), amplas escadarias com patamar intermédio proporcionam a relação de cotas entre exterior e interior, consideravelmente mais baixo. O patamar da escadaria dá acesso a uma bancada desenvolvida por todo o perímetro. Esta diferença de cotas resulta numa agradável sensação de comodidade reforçada pela intensa luminosidade transversal e zenital, pela percepção cada vez mais distante do tecto e pela amplitude da construção.

No centro do edifício está a primitiva 'Buvette' termal, conservando a sua forma octogonal. Todavia, nas recentes obras, o repuxo foi protegido por campânula cilíndrica e a cota da 'Buvete' ligeiramente subida.



Interior do edifício da Fonte Principal

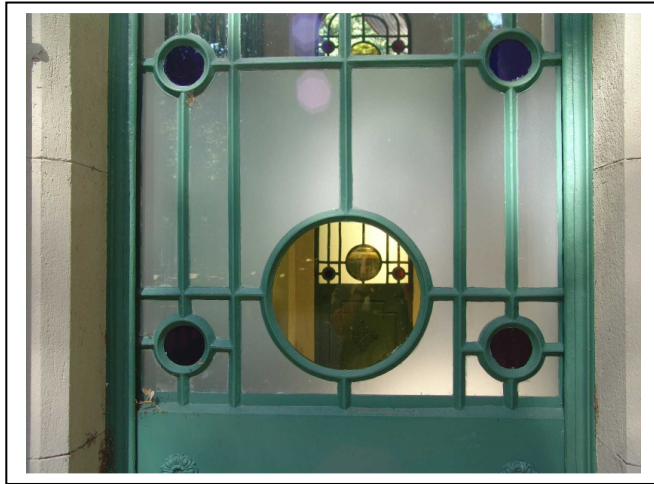
#### 2.4. Alguns pormenores

A pavimentação e a drenagem interior de águas

Todo o piso interior é revestido por mosaicos. Nas entradas, o pequeno espaço precedente às escadas (como uma espécie de tapete) é revestido por mosaicos diferentes dos restantes cujo padrão é composto por X avermelhados, formas triangulares cinza claro e fundo branco. Os mosaicos que cobrem as maiores superfícies são alternadamente pretos ou brancos.

Estando semi enterrado, o edifício ficou mais exposto a eventuais inundações mas esta questão também não foi descorada na concepção arquitectónica. Assim, no interior, na cota mais baixa, uma 'valeta' percorre perifericamente todo o piso, contendo escoadouros nos cantos.

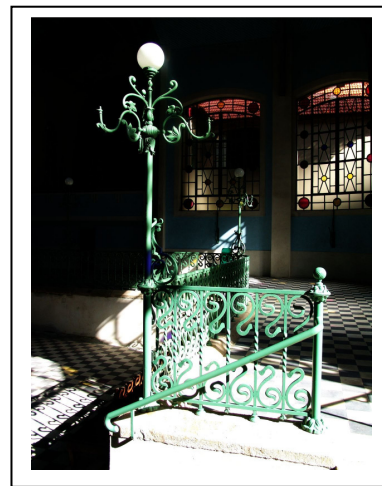




#### A iluminação

A iluminação natural transversal é proveniente dos grandes janelões e portas cujos círculos de cor se projectam no piso, animando-o, e a zenital é oriunda da clarabóia central. O sistema de abertura das janelas é engenhoso e, como as próprias janelas, foi desenhado cuidadosamente. Um varão de ferro vertical central, movido inferiormente por alavanca, permite abrir em simultâneo os seis painéis rotativos da janela para algumas posições conceptualmente previstas.

Além da iluminação natural, o edifício conta com dois globos pendurados sobre os tirantes da estrutura da cobertura e com doze colunas coroadas por globos, distribuídas pelos cantos e pelo início das escadas, integradas na guarda de ferro de protecção da bancada intermédia do edifício.



#### O mecanismo e a linha de engarramento

Localizado à cota dos tirantes horizontais da cobertura, no sentido norte/sul, atravessando o pavilhão e entrando na oficina, desenvolve-se a linha de engarramento cujo mecanismo compreende uma resistente calha de ferro com rolamentos onde fica suspenso uma espécie de grade/'palete' de grande capacidade, actualmente em exposição no edifício.

### 3. Uma revitalização que se impõe

O Peso é, hoje, um espaço de quase completo abandono. A povoação definha sem horizontes. O *Ranhada* e o *Hotel da Quinta do Peso* encontram-se em degradação acentuada caminhando para a ruína total. Dói ver o estado em que se encontram. Dificilmente se desprende deles o que quer que seja de evocador dos anos em que se enchiam de aquistas à procura da cura para os seus males. Nada nos faz recordar os jantares, as festas e os bailes 'animadíssimos', os 'jogos variadíssimos e diferentes divertimentos' com o povo a assistir sob a vigilância da patrulha de marinheiros...

Nas Termas, o *Balneário* encerrado acusa os efeitos do adiamento das soluções projectadas para a sua recuperação. O edifício da *Fonte Nova* vê-se envolvido pela vegetação infestante potenciando a acção da humidade sobre os paramentos valendo-lhe a solidez da sua construção. O da *Fonte Principal* aparenta melhor estado de conservação devido à intervenção a que foi sujeito em data recente. Ainda é utilizado para ingestão, em copos graduados, da água mineral pelos poucos aquistas que teimam em continuar a fazer os tratamentos termais contribuindo para manter viva a estância.

Existem problemas não insolúveis nas captações. Dado "o reduzido caudal das emergências foi necessário conceber um plano de prospecção na tentativa de avaliar o potencial hidromineral existente. Os trabalhos iniciados em 1997 pelo IGM desenvolveram-se em duas sondagens tendo sido objecto de estudo o recurso obtido nas duas captações por forma a

ser constituído o processo para o seu reconhecimento como água mineral tipo Melgaço”<sup>74</sup>. Em 2002, a Câmara Municipal de Melgaço, sob proposta da empresa concessionária, requereu ao IPPAR a classificação como *Valores Concelhios* dos imóveis do Parque Termal compreendendo o Balneário, a Fonte Principal e a Fonte Nova. O Complexo Termal do Peso, como outras estâncias, aguarda um plano de revitalização centrado não só na reabilitação dos edifícios<sup>75</sup> dos seus hotéis e na exploração das suas águas mas também considerando outras valências. A animação deverá ser uma delas tirando partido da sua envolvente natural e patrimonial. O Parque e o edifício da Fonte Principal apresentam condições para a realização de actividades culturais como feira do livro, concertos de piano<sup>76</sup>, conjuntos de cordas ou de sopro, exposições de traje das diferentes épocas termais, pintura, teatro, recitais de poesia, etc. Esta dinamização ficará bem integrada na *Festa da Cultura*, iniciativa autárquica que tem atraído milhares de visitantes à sede do concelho. Em nossa opinião, o respectivo programa deveria diversificar os espectáculos e a área onde ocorrem abrangendo o Peso.

---

<sup>74</sup> SILVA, M. Antunes da-*Pesquisa e Captação de Água Mineral em Melgaço. Prospecção, Pesquisa e Captação de Águas Minerais Naturais. Recursos Geotérmicos e Águas de Nascente*, IGM. ( versão online no site do LNETI, [http://e-Geo.lneti.pt/geociencias/edições\\_online/diversos/prosp\\_pesq/indice.htm](http://e-Geo.lneti.pt/geociencias/edições_online/diversos/prosp_pesq/indice.htm) .

<sup>75</sup> Existem projectos estando um deles, o do Hotel Ranhada, da autoria de um arquitecto, já aprovado (Segundo depoimento de D. Judite Ranhada).

<sup>76</sup> Vitorino de Almeida deu um recital no Pavilhão que considerou ter uma “acústica perfeita” (idem).